

FORMAS DE ENSINAR ADMINISTRAÇÃO: TROCANDO A ROUPA

** Ricardo Scoarize*

*** José Plínio Vicentini*

RESUMO

Discussão contextualizada sobre a importância dos procedimentos andragógicos (educação de adultos) para o ensino de Administração em Instituições de Ensino Superior. O artigo utiliza a analogia com uma história do escritor Hans Christian Andersen - A Roupas Novas do Rei - de forma a demonstrar o perigo do conformismo aos ditames de qualquer tipo de regras impostas que não permitam exceções. É dividido em uma contextualização do tema, que explana sinteticamente a história que dá corpo ao título; em informações básicas sobre o ensino de Administração no Brasil, centrando-se em posições de autoridades da área, expressas no XIV Enangrad, de 2003; na utilização efetiva da andragogia como forma de educação de adultos, o que permite, segundo a visão dos autores, passar de espectador para criador de conhecimentos e finalizando com conclusão sobre a discussão apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: Andragogia; Ensino de Administração; Ensino de Adultos

FORMS TO TEACH ADMINISTRATION: CHANGING THE CLOTHES

ABSTRACT

Quarrel contextualized on the importance of the andragogic procedures (education of adults) for the education of Administration in Institutions of Superior Education. The article uses the analogy with a history of the writer Hans Christian Andersen - the New Clothes of the King - of form to demonstrate to the danger it conformism to the ditames of any type of imposed rules that do not allow exceptions. It is divided in a contextualization of the subject, that explain the syntetic of the history that gives body to the heading; in basic information on the education of Administration in Brazil, centering itself in position of authorities of the area, express in XIV Enangrad, of 2003; in the use it accomplishes of the andragogy as form of education of adults, what it allows, according to vision of the authors, to pass of spectator for creator of knowledge and finishing with conclusion on the presented quarrel.

KEYWORDS: Andragogy; Education of Administration; Education of Adults

*Professor da Faculdade Maringá e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari; Mestre em Qualidade e Produtividade pela UFSC

**Professor da Faculdade Maringá; Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Hans Christian Andersen foi um escritor dinamarquês que viveu no Século XIX, tendo falecido em 1875. Suas histórias foram dedicadas às crianças, mas com uma conotação exemplar de construir o conhecimento com base nas crônicas que compunha. Dentre suas histórias, muitos clássicos infantis O Patinho Feio, Soldadinho de Chumbo, A Pequena Sereia, mas um em especial se destaca para o propósito deste artigo. Seu título é A Nova Roupas do Rei.

Nesta história, conforme narrado por Rubem Alves na obra Fomos Maus Alunos, escrita em conjunto com Gilberto Dimenstein, em 2003, conta-se que existia um rei apaixonado por roupas, que pediu a dois costureiros que tecessem uma roupa maravilhosa para ele. Os costureiros eram dois “espertalhões”, e lhe disseram que somente as pessoas inteligentes, as mais bem dotadas seriam capazes de ver a roupa que estavam costurando. Durante o processo de tecelagem e costura, onde os costureiros fingiam trabalhar, eles sempre perguntavam ao rei como estava ficando a roupa e o rei, preocupado por não ver nada, mas sem poder correr o risco de ser chamado de ignorante, dizia que a roupa estava ficando magnífica. O rei chamou o Ministro da Educação, que concordou com ele, dizendo que a roupa era fantástica; todos os demais ministros foram chamados e um por um afirmavam que realmente aquela roupa era a mais bela que eles já tinham visto. No dia do rei mostrar a roupa para a população, a banda de música tocando, todos os súditos acompanhando, o rei saiu desfilando pelado, mas extremamente animado por considerar-se com a mais bela roupa que alguém já havia produzido. A população, na certeza de que era inculta, mas sem a coragem de admitir nem para si própria, bradava em alta voz como era maravilhosa a nova roupa do rei, até que um menino inocente, em cima de uma árvore, gritou que o rei estava pelado.

Esta história, naturalmente aqui reduzida para conter apenas sua essência, demonstra o que acontece com o ensino de Administração em nosso país. Estamos no Século XXI, cento e trinta anos já se passaram do falecimento do Hans Andersen, e a história é atual, pois os estudantes e professores de Administração, olham a roupagem maravilhosa dos currículos mínimos, a costura perfeita das ementas e dos programas apresentados de forma

unidirecional aos aprendizes, que chamamos pomposamente de acadêmicos, e tecem elogios e reverências ao que se apresenta.

As perguntas que queremos despertar com este artigo são as seguintes: o que estamos enaltecendo no ensino de Administração? A que batemos palmas freneticamente sem verificar se realmente é válido?

INFORMAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

Segundo informações do então Ministro da Educação, Cristovam Buarque, proferidas por ocasião do XIV Enangrad, em agosto de 2003, na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, a estrutura de ensino do Século XX era baseada na transferência de informações, o qual representava um estoque que podia durar por toda a vida do graduado, fazendo as vezes de um verdadeiro passaporte seguro para a carreira profissional; entretanto, esta mesma estrutura sofre uma revolução já no final do Século XX, que se fortalece com o início do Século XXI, exigindo agora que os aprendizes (ou alunos) passem a criar o próprio conhecimento e as formas de sua obtenção, transformação, internalização - como afirmam Nonaka e Takeuchi (1997), e principalmente de seu compartilhamento com os demais aprendizes e com os professores.

Estas afirmativas se referem à totalidade dos cursos de graduação brasileiros, e os cursos de Administração demonstram esta característica de forma direta e contundente, demonstrando que a revolução já se iniciou e que é um caminho que todos devemos trilhar.

No mesmo evento, o Presidente do Conselho Federal de Administração, Rui Otávio Bernardes de Andrade, lembra que, em agosto de 2003, os alunos de Administração perfaziam 13% do total de matriculados nos cursos superiores ofertados no Brasil e que desde 1952, quando os primeiros cursos de Administração surgiram, mais de 1.000.000 de bacharéis em Administração já haviam sido graduados; destes, aproximadamente 250.000 encontravam-se registrados nos

Conselhos Regionais (CRA's).

Ainda durante o XIV Enangrad, a afirmativa da Professora Maria Helena Guimarães de Castro, de que as políticas de formação continuada não devem seguir um modelo único, mas devem contemplar as especificidades das condições de entrada, permanência, saída e reinserção no mundo de trabalho, bem como o pronunciamento da Professora Tânia Fischer, da Universidade Federal da Bahia, de que devemos refazer, reconstruir e reinventar o projeto pedagógico dos Cursos de Administração, libertando-nos das camisas de força curriculares, e principalmente de que devemos complementar vivências, com as experiências reais dos alunos adquiridas ao longo da vida profissional e social, nos geram a certeza de que estamos batendo palmas para coisas que nos foram ditas e que, por incrível que pareça, não mais estão explícitas para que as vejamos como realmente são.

Uma resposta de um aluno da Faculdade Maringá, em Maringá, Paraná, Lindolfo Alves dos Santos Junior, para uma avaliação de Teoria Geral de Administração, em abril de 2004, de que mesmo no segundo semestre do curso, ele se considerava um administrador por Vivência, levou os autores a refletirem sobre o modelo adotado para o ensino de Administração na cidade de Maringá, Paraná, o qual, supomos, não ser por demais diferente do praticado em grande parte do Brasil.

Com base nestes pronunciamentos e em todos os estudos realizados pelos autores sobre o processo da Andragogia e suas possibilidades de aplicação no ensino da Administração, os autores concluem que a realidade deste ensino no Brasil deve levar em consideração as experiências vivenciadas previamente por todos os acadêmicos, como forma de melhoria do sistema de ensino/aprendizagem utilizado atualmente.

UTILIZANDO A ANDRAGOGIA COMO FORMA DE "FAZER A ROUPA DA ADMINISTRAÇÃO" AO INVÉS DE RECEBÊ-LA PRONTA

A analogia com a história de Andersen é apropriada para a inserção da Andragogia no ensino de alunos de Administração, pois conforme afirmam Dimenstein e Alves (2003):

Para saber se uma idéia é inovadora, basta ver se a maioria é contra, se mexe com os

mediócras, que logo profetizam a inviabilidade do novo. O problema é que só Depois vamos saber se aquela idéia é uma idiotice ou uma inovação. É tênue o limite entre o fracasso e o sucesso (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p. 77).

Muitas vezes, o educador em Administração se depara com um problema comum: a idade média dos acadêmicos que iniciam o curso superior em Administração é mais elevada que a média dos acadêmicos que iniciam outros cursos superiores. Para comprovar tal afirmativa, os autores procederam o levantamento de 722 (setecentos e vinte e dois) alunos de Administração na Faculdade Maringá, em Maringá, Paraná, levantando também o percentual de alunos com ocupação profissional. Estas informações geraram o Quadro 1.

Este problema pode (e deve, conforme o entendimento dos autores) constituir-se em um diferencial vantajoso para o processo educacional, já que as faixas etárias mais elevadas trazem normalmente uma experiência profissional efetiva e enriquecedora.

Destaca-se que no Quadro 1, a partir de 31 anos de idade, não foi encontrado nenhum acadêmico que não exerça função profissional.

Idade Ocupação	Até 18	18 - 22	23 - 26	27 - 30	31 - 35	36 - 40	41 - 45	Mais de 45	TOTAL	% Prof.
Não Trabalha	64	41	18	02	-	-	-	-	125	17,31
Comerciante	05	24	41	44	33	46	12	19	224	31,02
Prestação de Serviços	03	15	44	49	39	44	26	11	231	32,00
Empresário	-	-	04	13	29	26	08	18	98	13,57
Industriário	-	-	04	11	05	03	02	02	27	3,74
Outros	03	04	06	-	04	-	-	-	17	2,35
TOTAL	75	84	117	119	110	119	48	50	722	100,00
% RELATIVO	10,39	11,63	16,20	16,48	15,24	16,48	6,65	6,93	100	

Quadro 1 - Idade Média de Início do Curso e Percentuais de Alunos com Ocupação Profissional
Fonte: pesquisa realizada pelos autores, em abril/maio de 2004.

O Quadro 1 possibilita uma análise simplista, mas importante sobre a forma de se trabalhar o aprendizado da Administração, em especial nas Instituições Privadas de Ensino Superior, onde a idade média tende a ser mais elevada que nas Instituições Públicas: o aluno adentra o sistema educacional superior com uma grande bagagem profissional e de vivência em áreas que necessitam de diversos níveis de conhecimento das práticas e rotinas administrativas.

Conforme o Quadro 1, 45,3% dos acadêmicos que iniciam o curso superior na Faculdade analisada já completaram mais de 30 anos de idade, sendo que todos exercem atividades profissionais.

Pelo sistema em uso na atualidade, com a base das aulas centradas em práticas quase que exclusivamente pedagógicas, o aluno tem a percepção de que toda a sua experiência social e profissional de pouco adianta para o seu aprendizado, o que é uma incoerência brutal no ponto de vista dos autores. A experiência de vida, ou como referenciado por acadêmicos que responderam a pesquisa, a “administração por vivência”, não pode ser colocada de lado como se fosse um conhecimento acessório de pouca ou nenhuma importância.

Alves (2002), afirma que:

Enquanto o senso comum pensa a partir de emoções e desejos, o cientista é totalmente objetivo. Seu único objetivo é refletir o objeto. Não deseja coisa alguma do objeto. A objetividade e a isenção exigem isso (ALVES, 2002, p. 155).

Tal análise não significa que os autores repudiam a utilização das práticas pedagógicas; ao contrário, serve para afirmar sua necessidade fundamental, mas não como única prática para se estruturar a educação desses alunos, que em sua estrutura básica, são mais adultos que crianças ou jovens. Estamos parecendo mais com cientistas do que com aprendizes de Administração; estamos refletindo o conhecimento já formado a respeito de Administração e não criando.

Lindeman apud Vicentini e Scoarize (2003), afirma categoricamente:

[...] a educação de adulto será através de situações e não de disciplinas. Nosso sistema acadêmico cresce em ordem inversa: disciplinas e professores constituem o centro educacional. Na educação convencional é exigido do estudante ajustar-se ao currículo estabelecido, na educação de adulto o currículo é construído em função da necessidade do estudante. Todo adulto se vê envolvido com situações específicas de trabalho, de lazer, de família, da comunidade etc situações essas que exigem ajustamentos. O adulto começa nesse ponto. As matérias (disciplinas) só devem

ser introduzidas quando necessárias. Textos e professores têm um papel secundário nesse tipo de educação; eles devem dar a máxima importância ao aprendiz (VICENTINI; SCOARIZE, 2003, p. 4).

Sintetizando, com alunos que começam mais tarde (com maior idade) a aprender Administração como ensino superior, com práticas de ensino baseadas em estruturas unicamente pedagógicas, que não levam em consideração toda a bagagem de vivência desses alunos e com currículos que não levam ainda em consideração as necessidades dos alunos, o ensino de Administração não atinge seus objetivos básicos de gerar profissionais adequados para a sociedade.

Não se quer discutir aqui a adequação ou não destes profissionais para o mercado, mas sim para a vivência em sociedade, pois eles precisam ser reinseridos em um mercado que já os tinha anteriormente, como declara a Professora Tânia Fischer, já citada anteriormente. De pouco adianta reinserir um aluno na sociedade se a vivência no ensino superior não acrescentou conteúdos práticos e aplicáveis para seu crescimento educacional e social.

Os procedimentos andragógicos, em conjunto com todo o arcabouço pedagógico necessário, devem possibilitar aos alunos que tenham orgulho de trazer suas próprias vivências para a sala de aula sob pena de, em assim não ocorrendo, tais alunos se sentirem deslocados da realidade que os acompanhava no dia-a-dia profissional e social. Quando prevalecem somente as práticas pedagógicas, verifica-se o que é demonstrado por Dimenstein e Alves (2003):

O aluno, sem querer, mas obrigado, arrasta-se sobre o dever que lhe é imposto. O corpo e o pensamento resistem. [...] fazia as coisas direitinho, mas sabia que aquilo era minha obrigação, que era a maneira que eu tinha de me livrar dos problemas. Fazia as coisas direito para não ter problemas com as outras coisas que eu queria fazer (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p. 8 e 16).

Quando os pressupostos andragógicos de respeitar a vivência profissional e social dos alunos, e até de incentivar sua utilização para a geração de novos saberes, são implementados de forma progressiva e consistente, os resultados são diretos e facilmente mensuráveis. Os alunos deixam de ser meros espectadores, que ficam (ou deveriam ficar) fascinados com a gama de conhecimentos demonstrada pelos professores;

eles deixam de ser receptores de informação para se tornarem divulgadores, criadores de conhecimento.

Um último conceito, expresso por Dimenstein e Alves (2003), dá uma receita prática e direta para quem quer começar a confeccionar a “roupa da Administração”, ao invés de esperar que outros “costureiros” a façam:

O ato de gostar está ligado ao ato do conhecer e o ato do conhecer está ligado à curiosidade [...] o professor só funciona se for um gestor de experiências, de curiosidades. E mais: a cidade deve ser incorporada à sala de aula. As aulas devem ser dadas também fora da escola, nos museus, cinemas, teatros, fábricas, oficinas (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, pp. 68 e 69).

Desta forma, os autores esperam que alunos e professores comecem a se tornar curiosos sobre a Administração, e que os professores modifiquem alguns comportamentos arraigados, como o de repositores exclusivos do conhecimento, ou de censores da criatividade dos alunos. Tais funções não têm espaço no atual cenário que se apresenta para o ensino de Administração em Instituições de Ensino Superior.

Para realmente começarmos a tecer uma roupa nova para a Administração, sem necessitar ludibriar a população, composta em nosso caso por alunos e professores, precisamos conhecer a realidade de todos os envolvidos no processo, compartilhar os conhecimentos teóricos e práticos dos mesmos e trabalhar com afinco no respeito às vivências de cada um dos aprendizes (alunos e professores), sem os antigos paradigmas de que entre professor e aluno deve haver um distanciamento natural para promover o respeito e a ordem.

Afirmamos que o respeito e a ordem somente são alcançados quando os envolvidos encontram-se em condições de igualdade, discutindo a Administração do dia-a-dia, sem imposições ou noções errôneas de que o conhecimento teórico é melhor ou mais completo que a vivência prática.

CONCLUSÃO

Quando da contextualização do tema, levantarem-se duas questões básicas: o que estamos enaltecendo no ensino de Administração e para que fatos ou situações batemos palmas

freneticamente sem verificar se realmente são válidos ou pertinentes.

No sistema atual, sem levar em conta as possíveis redes de relacionamentos entre alunos com vários estágios de conhecimento e de aplicação das atividades relacionadas com Administração, e sem valorizar a inserção destas vivências nos currículos obrigatórios, acabamos enaltecendo disciplinas e formas pontuais de avaliação, em detrimento da riqueza representada pela diversidade de pontos de vista de cada um dos aprendizes. Tal fato remete o ensino de Administração ao Princípio da Entropia, conforme descrito por Chiavenato (1993), onde as disciplinas, renovadas somente por um dos lados envolvidos com o processo de ensino/aprendizagem (professores), acabarão tornando-se obsoletas com uma rapidez impressionante.

As palmas que produzimos na atualidade, destinam-se a quem avalia a produtividade científica unicamente pela vertente da isenção da ciência, ou seja, isento das características emotivas ou de preferências e gostos pessoais. Tais avaliações podem tornar a Administração insípida e até mesmo deslocar os benefícios que ela gera para a sociedade como um todo, para um segundo plano, de menor importância.

Tais respostas deixam os autores preocupados, em especial quando lembramos de Goethe, citado por Dimenstein e Alves (2003), que declara que “detesta qualquer informação que é dada, que aumenta a instrução, mas que não muda a atividade”. Para Goethe, a informação tem de entrar (na cabeça de quem a procura) e já significar alguma atividade.

Os programas, currículos e ementas que hoje são utilizados pelos cursos de Administração pelo Brasil afora, são estruturados em forma de ferramentas, de compartimentos estanques, não intercambiáveis (ou que se relacionam frouxamente uns com os outros), que visam a formar, ao término do período estipulado, um bacharel em Administração. As interações, os relacionamentos, as interfaces possíveis durante o período não são tão importantes quanto a finalização do processo. Na opinião dos autores, tal estrutura deve ser alterada, para que possam ser incorporadas as características que os alunos com maior vivência trazem ao adentrar neste período de formação, possibilitando uma composição enriquecedora dos acertos e erros que tais alunos já tiveram, fazendo valer a afirmativa de Guimarães

Rosa, citada por Dimenstein e Alves (2003): “O que importa não é nem a partida, nem a chegada; é a travessia”.

Para se proceder a confecção da nova roupa da Administração, faz-se necessária a utilização da andragogia no próprio planejamento das ementas, currículos e dos planos político-pedagógicos, de forma a valorizar a bagagem cultural, social e mesmo administrativa que os alunos possuem quando adentram a um curso superior em Administração.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e a suas regras. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da renovação. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997

VICENTINI, José Plínio; SCOARIZE, Ricardo. Andragogia: novas possibilidades no ensino da administração. In: ENCONTRO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 14., 2003, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: Enangrad, 2003.